

Prefácio do livro “O que é o Islã? – Perguntas e Respostas”*

Por Oneide Bobsin**

Cruzar fronteiras religiosas, culturais, sociais e políticas que nos separam, requer, entre outras ações, uma troca de lentes que possibilita ver nas pessoas diferentes, iguais. E para que este novo olhar nos mova em direção ao outro e à outra, estranhos cada vez mais próximos, a diversidade precisa fundamentar-se na solidariedade, que não se desvincula da superação das contradições econômicas.

Sobre essa premissa podemos construir um caminho de superação da visão caricatural e preconceituosa imposta pela mídia ocidental e a própria tradição cristã a respeito dos povos islâmicos (muçulmanos). Tal caricatura, eivada de interesses não revelados de quem a promove, impede-nos de ver para além das máscaras que criamos sobre a fé do outro e da outra.

Nossas percepções sobre esse mundo tão distante, distinto e próximo podem estar implícitas nas perguntas que fomos induzidos a formular. Destaquemos algumas. O Islã foi difundido a ferro e a fogo? Sua natureza espiritual seria, neste caso, intrinsecamente belicista? Quem não pertence ao povo de Alá deve ser submetido violentamente às regras dos povos muçulmanos? É verdade que a expansão muçulmana se utiliza do Estado para formar uma teocracia?

Nossas máscaras não param por aí. Todo palestino muçulmano é um homem bomba, que carrega um cinturão de explosivos prestes a levar para os ares os inimigos da sua fé e para um céu cheio de mulheres quem se submete a tal sacrifício?

* Este livro é de autoria de Melanie Miehl e foi publicado pela editora Sinodal em 2005.

** Bobsin é doutor em Ciências Sociais/ Sociologia Política pela PUC-SP e professor titular da cadeira de Ciências da Religião da Escola Superior de Teologia.

E as mulheres? Pobres delas! Suas vaginas, ainda na infância, passam pela excisão e são costuradas para não sentir o prazer sexual.

Assim, poderíamos elencar muitas outras perguntas, frutos de uma construção de que nós ocidentais somos o ápice da humanidade. As perguntas da alemã Melaine Miehl, especialista em islamismo, ajudam-nos a reorientar nossas perguntas e fazer tantas outras.

Contudo, a religião simbolizada pela meia-lua e que se baseia em cinco pilares traz generosas respostas às nossas perguntas. O *jihad* ou “guerra santa”, como a conhecemos, por exemplo, também diz respeito a um grande esforço de cada islamita para proteger os seus e o seu espaço. Outro exemplo é o fundamentalismo. Esse não é uma invenção muçulmana, diz a autora deste livro; ele é elaboração de protestantes dos Estados Unidos da América do Norte nos primórdios do século passado.

De igual forma, a poligamia, hoje igualmente questionada por setores islâmicos, nos primórdios da religião pouco tinha a ver com nossas concepções, mas com uma certa proteção das mulheres. E libertação das mulheres muçulmanas é fruto exclusivo da expansão de nossos direitos humanos? Não. Também é obra das próprias mulheres que crêem em Alá. E quanto à vida econômica, o que diz o Alcorão? Apresenta Deus impedindo a acumulação e os juros, ao mesmo tempo em que promove a justiça social.

Portanto, nesta obra da especialista alemã temos muitas respostas que nos ajudam a ver por trás das máscaras que criamos a respeito do povo que tem como pai na fé Abraão, pai comum de judeus, cristãos e islamitas, uma diversidade muito grande de tendências no Islã, que se estende desde os mais ortodoxos e conservadores, passam pelos extremistas, místicos e apocalípticos, chegando aos esotéricos e modernistas. Como em todas as religiões, a pluralidade é intensa e tensa.

Protestantismo em Revista

Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia
Volume 06, jan.-abr. de 2005 – ISSN 1678 6408

Assim, reconhecer a diversidade permite-nos dar passos solidários para que a diferença não se transforme em desigualdade. Da mesma forma não somos instigados a abrir mão do que nos diferencia e nos identifica. É, pois, na riqueza das diferenças que veremos a pluralidade de possibilidades de um outro mundo possível.

Por fim, mas não o menos importante: ao perguntarmos, nos abrimos para novos olhares e novos mundos; porém, quando respondemos perguntas não-feitas, fechamos-nos em nosso pequeno mundo. Portanto, ao ler este livro, estaremos vendo outras formas de viver, ver e crer.